

AMÉRICA LATINA: CARTOGRAFIAS POÉTICAS

Maria Luiza Calim de Carvalho Costa¹

Introdução

O cartógrafo alemão Martin Waldseemüller, em 1507, desenhou o mapa “*Universalis Cosmographia*” a partir de epístolas de Américo Vespúcio em que relatava suas viagens a Pier Soderini, supremo magistrado da República Florentina, e também aos Médici onde o navegador florentino reconhece as terras descobertas por Colombo como terras novas, *Mundus Novus*- o título de uma das três epístolas enviadas aos Médici. É a imagem inaugural da América (figura 1).

Duarte Nuno G. J. Pinto da Rocha, em texto sobre Américo Vespúcio postado no site do Instituto Camões explica a origem do nome do continente.

O nome “América” atribuído ao continente descoberto por Colombo (novo para os Europeus), em consequência das navegações do final da centúria de Quatrocentos, tem a sua origem em Américo Vespúcio que afirma, no *Mundus Novus*, ter estado no continente. A sede de informações sobre os novos territórios do Ocidente Atlântico e sucessivas edições dos seus registros (com o que carregam de verdade e exagero) viriam a contribuir decisivamente para a estabilização de *América* como a designação do continente por parte da civilização que se assumiria como dominante. (Rocha in: <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/g63.html>)

Já o termo “América Latina” foi cunhado no século XIX, por volta de 1860, segundo Chastain (2006), o imperador francês Napoleão III buscava ampliar sua influência no México e para isso buscou construir uma identificação entre os dois países a partir do que havia em comum entre eles: a origem latina de seus idiomas. O francês, o espanhol e o português têm como matriz linguística o latim, desse modo a influência francesa buscava uma aproximação ao mesmo tempo que esse discurso buscava afastar o imperialismo britânico de origem anglo-saxônica.

A nomenclatura “latina” ignora as línguas indígenas locais e a matriz africana! Unidos por uma matriz linguística do colonizador, a América Latina está longe de configurar uma unidade. A América Latina é diversa, múltipla, o lugar do híbrido, do sincretismo e da mistura de raças e línguas.

¹ FAAC- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação /Unesp -Professora doutora

Desde que Joaquim Torres García em 1935 inverteu a posição do mapa do continente (figura 2), situando a América do Sul ao norte, artistas modernos e contemporâneos partem de mapas como formas de medir e representar o mundo propondo novas maneiras de ver.

São psicogeografias, rotas de derivas, mapas afetivos e diversas representações do mundo que contradizem as cartografias convencionais.

O gesto simbólico Torres García foi tantas vezes retomado por outros artistas latino-americanos como Rubens Gerchman e Nicolas García Urriburu, apontando a necessidade de se pensar a América Latina contemporânea. Os diálogos transnacionais que as novas tecnologias proporcionam rompem os limites geofísicos e constroem territórios antes inexistentes. As relações interculturais deslocam e ao mesmo tempo resignificam os espaços locais.

Desde a I Bienal do Mercosul, em 1997, essa questão tem sido abordada pelos curadores do evento: intitulada “Cartográfica - Território e história” na I bienal, ou “Ensaio de Geopoética” na 8ª edição do evento realizado em 2011.

Através dessas curadorias realizamos um recorte de obras e artistas do evento com intuito de refletir sobre cartografias poéticas para a América Latina. Novas configurações cartográficas para a América Latina, nos fazem refletir sobre os territórios culturais. Nos trazem a questão: Onde está a América Latina no contexto geopolítico-cultural do mundo globalizado?

A BIENAL DO MERCOSUL

A partir do tratado econômico e das fronteiras geopolíticas dos países que fazem parte do Mercosul, a Bienal do Mercosul desde 1997 tem trazido à baila a questão da identidade cultural da América Latina sem contudo deixar de estabelecer diálogos com a arte contemporânea mundial. A primeira Bienal, em 1997, a maior mostra de arte latino-americana até então realizada no Brasil, foi restrita aos países do Mercosul - Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, e teve como país convidado a Venezuela. Com a curadoria do crítico Frederico Moraes, a exposição foi agrupada em três módulos “Construtiva - A arte e suas estruturas”, “Política - A arte e seu contexto” e “Cartográfica - Território e história”, também foi composta de mais dois segmentos: o primeiro reuniu obras de jovens artistas e o segundo uma seleção de obras de coleções públicas

e privadas brasileiras. Dois seminários que discutiram as utopias latino-americanas e o ponto de vista do hemisfério norte sobre a produção artística latino-americana aconteceram durante o período do evento.

Em entrevista a Frederico Morais feita por Gaudêncio Fidelis -em 06.11.2005, Porto Alegre- O curador da 1a. Bienal do Mercosul fala sobre a exposição:

Acho que fundamentalmente a idéia inicial da Bienal era a de propor um esforço coletivo, ao tentar uma nova abordagem da arte latino-americana a partir de um ponto de vista nosso. Isso não significava naquele momento, nem significa hoje, nenhuma tentativa de excluir as leituras de fora, européias ou norte-americanas. Tanto que, paralelamente à Bienal, nós fizemos dois seminários, e um dos seminários era uma discussão sobre as diversas interpretações, as várias utopias, os mitos, e assim por diante, em torno da arte latino-americana, mitos criados aqui e criados lá fora. (MORAES,2005 In FIDELIS,2005,p.48.)

Joaquim Torres García inverteu a posição do mapa do continente, situando a América do Sul ao norte. Este pequeno desenho ilustra um artigo de Torres García de 1935, no qual ele defende a criação de uma “*Escuela del Sur*”. Essa imagem ilustra uma necessidade latino-americana de buscar caminhos próprios. (figura 2) Ao inverter o mapa da América do Sul o artista uruguaio Torres Garcia inaugura com seu gesto simbólico uma busca da identidade latino-americana.

He dicho Escuela del Sur; porque en realidad nuestro norte es el Sur. No debe de haber norte, para nosotros, sino por oposicion a nuestro Sur.
Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posicion, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de America, desde ahora, prolongandose, senala insistentemente el Sur, nuestro norte. Igualmente nuestra brujula: se inclina irremisiblemente siempre hacia el Sur, hacia nuestro polo. Los buques, cuando se van de aqui, bajan, no suben, como antes, para irse hacia el norte. Porque el norte ahora esta abajo. Y levante, poniendonos frente a nuestro Sur, esta a nuestra izquierda. Esta rectificacion era necesaria; por esto ahora sabemos donde estamos (TORRES GARCIA, 1935).

Na I Bienal do Mercosul, o módulo “Cartográfica - Território e história”, através de cartografias poéticas, retomam a questão levantada pela obra “América invertida” de Torres Garcia.

O artista brasileiro Rubens Guerchman retoma o mapa invertido de Torres Garcia homenageando o artista uruguaio e propõe um olhar crítico para uma nova cartografia... Sua obra “A Nova Geografia/ homenagem a Torres Garcia” (figura 3) foi produzida na década de setenta do século

XX , período em que território latino-americano era assolado por ditaduras, dívidas internacionais quase impagáveis e de um processo crescente de influência cultural norte-americana. As rádios tocam música norte-americana e a televisão veicula “enlatados” produzidos nos Estados Unidos da América. No Brasil, o acordo MEC/USAID altera o projeto educativo do país passando do modelo humanista francês para um modelo tecnicista norte-americano. A segunda língua obrigatória nas escolas brasileiras passa ser o inglês. Por conta do fechamento político das ditaduras latino-americanas, assim como também a crise econômica nesses países há um êxodo muito grande de latino-americanos para os EUA, que criam comunidades de latinos na América do Norte, também na Europa ou em outros países da própria América Latina. “A América Latina não está completa na América Latina. Sua imagem é devolvida por espelhos dispersos no arquipélago das migrações” (CANCLINI,2008,p.25).

Dentro desse mesmo contexto, foi produzida a obra de Ivens Machado intitulada “Mapa Mudo” (figura 4) que apresenta um mapa do Brasil construído em concreto recoberto de cacos de vidro e sugere os duros tempos de restrição aos direitos humanos. Como os muros cravejados de cacos de vidro para isolar uma área, a obra representa o país fechado politicamente. A impossibilidade de tocar a obra pelas pontas cortantes dos pedaços de vidro dá o limite à apreensão da concretude da realidade brasileira daqueles anos de chumbo.

O artista argentino Nicolás García Urriburu realiza uma série de obras onde apresenta sua visão geopolítica inspirado na obra “El norte es el Sur” de Joaquim Torres García. São elas:” Latinoamérica, reservas del futuro, unida o sometida”, 1973; “Arriba el Sur” 1993 (figura 5); “Ni arriba ni abajo”, 1993 ;”Sur”, 1998. A serigrafia intitulada “Arriba el Sur” de 1993 apresenta a América do Sul invertida sob um fundo vermelho atormentado aludindo há um espaço energético ou conflituoso...

A VIII Bienal do Mercosul , realizada em 2011, tem como título “Ensaio de Geopoética”, segundo o curador da mostra José Roca, em texto de abertura do catálogo da VIII Bienal o título busca aludir :

- _ às diferentes formas com que as noções de localidade, território, mapeamento e fronteira são abordadas pelos artistas contemporâneos;
- ao Mercosul como construção geopolítica, e outras organizações supranacionais regionais;

– à cidade de Porto Alegre como lugar a ser descoberto e ativado por meio da arte (ROCA,2011,p.12).

A mostra, nos Galpões do Porto, ganhou pequenos territórios simbólicos - ZAP (Zonas de Autonomia Poética) onde vários artistas desenvolveram a representação de uma nação, que convidam à reflexão sobre o que ou qual características definem uma comunidade humana particular.

Toda nação é, de certa maneira, uma ficção, posto que o que a caracteriza como tal, em um sentido ontológico e incontestável, foi definido culturalmente com o fim de dar a um grupo humano uma série de características que lhes permita se identificar como conjunto. E, por ser uma criação, as características de nação podem ser redefinidas criticamente. Alguns artistas compreendem que esse caráter ficcional se presta para especulações criativas e, em consequência, os tópicos de nação, nacionalidade, estado, país e território vêm sendo uma preocupação na arte nas últimas décadas. O tema tornou-se atual nos últimos anos na América Latina devido às comemorações do bicentenário de independência. (ROCA,2011,p.42)

Como ensaios de geopoéticas, Anna Bella Geiger, artista brasileira, expôs algumas obras na VIII Bienal de Mercosul como: O novo atlas 1 (1977), A cor na arte (1976) e a série de mapas Variáveis (1977/2010). Através de técnicas variadas a artista reordena simbolicamente a geografia utilizando a cartografia como recurso para criticar os estereótipos de brasilidade como também traz a questão da representação territorial em contraposição aos territórios culturais.

Em “Variáveis”(figura 6), serigrafia do *mapa mundi* sobre linho branco cujas coordenadas desenham uma malha bordada à máquina onde os fios ao final de cada linha do bordado não foram arrematadas nos põe a refletir sobre as múltiplas variáveis que reconfiguram as noções espaciais e temporais na contemporaneidade.

Lançando mão da cartografia, o artista mexicano Eduardo Abaroa expõe um trabalho que traz à tona disputas de riqueza mineral de uma região: a Isla Bermeja. Com objetos que se encontram facilmente nas lojas e com vendedores ambulantes da Cidade do México, objetos advindo de vários lugares do mundo o artista levanta em sua obra a questão das políticas da globalização na vida contemporânea. A obra intitulada Bisutería, 20,96 km (Isla Bermeja) (1991/2011) propôs uma escultura realizada através da materialização do perímetro territorial da ilha Bermeja, situada no Golfo do México, região rica em jazidas petrolíferas e portanto disputada nas relações de poder.

Com paradoxos estéticos e conceituais esses ensaios de cartografias poéticas nos desconecta do olhar automatizado e superficial e propõe pensar a América Latina a partir de mapas simbólicos construindo uma nova cartografia.

MAPA: CONSTRUÇÃO DE TRAJETOS

A América Latina é composta por índios, imigrantes europeus, africanos, asiáticos... Essa multiculturalidade dificulta a definição do que somos. As fronteiras físicas não contornam o espaço latino-americano, estamos também como imigrantes nos outros continentes, assimilamos e somos assimilados nos diálogos transculturais.

Somos uma América Latina diversa, também, quanto ao desenvolvimento econômico e nossa acessibilidade aos bens de consumo. Diferenças essas, tanto entre as nações como, também, e principalmente dentro das mesmas. Centros de excelência tecnológica avizinham-se à miséria e exclusão.

Maior comunicação entre culturas tem sido promovido pelo acesso às tecnologias contemporâneas. Em contexto de globalização, há uma difusão transcultural que reorganiza sob a forma de consumo os modos de vida e modos de ver.

Com um pequeno recorte da I e VIII Bienal do Mercosul a partir das cartografias poéticas de alguns artistas eleitos para o artigo nos oferecem trajetos para refletirmos sobre o que somos.

Continuamos a refletir sobre os territórios culturais: Onde está a América Latina no contexto geopolítico-cultural do mundo globalizado?

REFERÊNCIAS

ADES, Dawn. *Arte na América Latina*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

AMARAL, Aracy A. *Textos do Trópico de Capricórnio. Volume II*. São Paulo: Editora 34, 2006.

BERTOLI, Mariza. *A Sedução dos Contrários na Arte da América Latina*. Tese de doutorado. São Paulo: PROLAM-USP, 2003.

BULHOES, Maria Amélia; KERN, Maria Lúcia Bastos (org.). *América Latina: territorialidade e práticas artísticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CANCLINI, Nestor. *As Culturas Híbridas*. México: Grijalbo, 1990.

CANCLINI, Néstor García. *Latino-americanos à procura de um Lugar neste Século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHASTEEN, John C. *Born in Blood and Fire: A Concise History of Latin America* 2nd Ed. Norton, 2006

FIDELIS, Gaudêncio. *Uma história concisa da Bienal do Mercosul/ Gaudêncio Fidelis*. Pref. Paulo Sergio Duarte - Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2005. P. 395 <http://www.bienalmercosul.org.br/novo/arquivos/publicacao/pdf/Historia%20da%20Bienal.pdf>

8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo / coordenação Alexandre Dias Ramos. curador geral José Roca; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

IMAGENS



FIGURA1 Martin Waldseemüller. *Universalis Cosmographia*, 1507

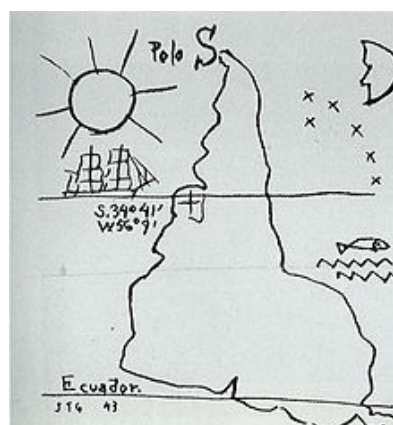


FIGURA 2 Torres García. *El Norte es el sur*, 1935



FIGURA 3 Rubens Gerchman. *A Nova Geografia / Homenagem a Torres García*, 1971-1979

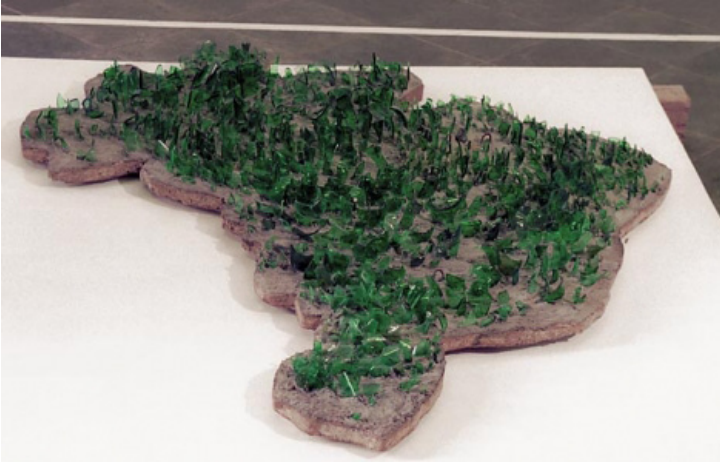


FIGURA 4 Ivens Machado. Mapa Mudo, 1979
Concreto e vidro, 150x150x18cm. Coleção Gil-
berto Chateaubriand



FIGURA 5 Nicolás García Urriburu. Arriba el
Sur 1993 – Serigrafia 63,5 x 90,2 cm. El Museo
del Barrio -NY, EUA

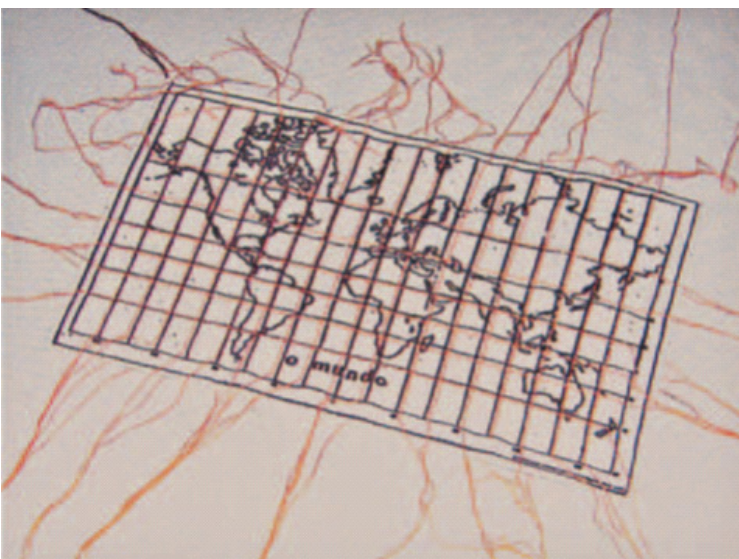


FIGURA 6 Anna Bella Geiger. Variáveis.
1976/2010. Desenho, serigrafia e bordado à
máquina sobre linho branco. 4 partes de 25
x 30 cm. Foto: Rubber Seabra.



FIGURA 7 Eduardo Abaroa. Bisutería, 20,96 km (Isla Bermeja) 1991/2011. Cortesia Galeria Kurimanzutto, México.